

VOLÚPIA FEMININA: A TRANSGRESSÃO EM OVÍDIO E GILKA MACHADO

FEMALE VOLUPY: TRANSGRESSION IN OVÍDIO AND GILKA MACHADO

Marcelle de Lemos Vilela Quirino
<https://orcid.org/0009-0004-6814-4147>
Universidade Federal de Campina Grande
marcellelemosvilela@gmail.com

Tássia Tavares de Oliveira
<https://orcid.org/0000-0002-8705-1681>
Universidade Federal de Camína Grande
tassia.tavares@professor.ufcg.edu.br

Resumo: O prazer feminino sempre foi um tema controverso, por vezes reprimido ao longo da história. A Igreja condenava o prazer sexual, considerando-o apenas para procriação, e via a mulher como um ser ardiloso que necessitava de controle (Knibiehler, 2016). Cientistas como John Harvey Kellogg e Isaac Baker-Brown propuseram tratamentos extremos para evitar o prazer feminino, como a aplicação de ácido carbólico no clitóris e a clitoridectomia radical, respectivamente (Strömquist, 2018). Essas práticas refletem a dificuldade das mulheres em buscar e falar sobre o seu prazer. Ovídio, na Roma antiga, desafiou as normas morais de sua época ao defender que as mulheres deveriam ter prazer em suas relações sexuais e buscar seus próprios interesses amorosos, mesmo estando casadas. De forma semelhante, a poeta brasileira, Gilka Machado, enfrentou uma sociedade conservadora que evitava discutir o corpo e o prazer feminino. Este trabalho realiza uma leitura comparada do poema *Volúpia*, de Gilka Machado e da obra *Arte de Amar*, de Ovídio, utilizando uma abordagem qualitativa (Mesquita Neto, 2020) e tendo como fundamentação teórica de Carson (2023), Knibiehler (2016), Lerner (2019), Perrot (2019) e Cixous (2022). Pretende-se analisar as semelhanças na escrita sobre a volúpia feminina e o legado desses poetas na luta pelos direitos das mulheres.

Palavras-chave: Volúpia. Prazer feminino. Ovídio. Gilka Machado.

Abstract: Female pleasure has always been a controversial topic, sometimes repressed throughout history. The Church condemned sexual pleasure, considering it only for procreation, and saw women as cunning beings who needed control (Knibiehler, 2016). Scientists such as John Harvey Kellogg and Isaac Baker-Brown have proposed extreme treatments to prevent female pleasure, such as applying carbolic acid to the clitoris and radical clitoridectomy, respectively (Strömquist, 2018). These practices reflect women's difficulty in seeking and talking about their pleasure. Ovid, in ancient Rome, challenged the moral norms of his time by arguing that women should take pleasure in their sexual relationships and pursue their own romantic interests, even when married. In a similar way, brazilian poet, Gilka Machado faced a conservative society that avoided discussing the body and female pleasure. This work performs a comparative reading of the poem *Volupy*, by Gilka Machado and the work *Art of Love*, by Ovídio, using a qualitative approach (Mesquita Neto, 2020) and having as theoretical foundations Carson (2023), Knibiehler (2016), Lerner (2019), Perrot (2019) and Cixous (2022).

The aim is to analyze the similarities in writing about female voluptuousness and the legacy of these poets in the fight for women's rights.

Keywords: Voluptuousness. Feminine pleasure. Ovid. Gilka Machado.

Introdução

Ao longo da história, a discussão sobre o prazer feminino enfrentou inúmeros obstáculos, visto que o corpo da mulher foi frequentemente reduzido à sua função reprodutiva. A Igreja, por séculos, condenou qualquer manifestação de prazer sexual, defendendo que o ato deveria servir exclusivamente à procriação (Knibiehler, 2016). Nesse contexto, a mulher era representada como um ser perigoso, cujos desejos precisavam ser rigidamente controlados pela moral vigente.

A medicalização do corpo feminino no século XIX revela o extremo a que chegou o controle patriarcal. O médico John Harvey Kellogg (1852-1943), conhecido por criar os cereais matinais, afirmava que a masturbação feminina causava desde câncer até histeria, propondo tratamentos cruéis como a aplicação de ácido carbólico no clitóris (Strömquist, 2018). Na mesma linha, o cirurgião Isaac Baker-Brown (1811-1873) defendia a clitoridectomia — a remoção cirúrgica do clitóris — como "cura" para o prazer feminino (Strömquist, 2018). Tais práticas, respaldadas pela ciência da época, ilustram como a autonomia sexual das mulheres foi sistematicamente negada. Outrossim, a psiquiatrização do prazer feminino no século XIX não se limitou a Kellogg e Baker-Brown. Sigmund Freud, posteriormente, categorizou a sexualidade feminina como "histeria", patologizando ainda mais o desejo. Essa medicalização criou uma narrativa científica que justificava a dominação patriarcal, transformando corpos em objetos de controle.

Em meio a essa tradição repressiva do patriarcado, algumas figuras destacaram-se por desafiar o *status quo*. O poeta romano Ovídio (43 a.C.–17 d.C.), em *Arte de Amar*, contrariou a reforma moral de Augusto ao defender que as mulheres deveriam usufruir do prazer sexual, mesmo fora do casamento. Séculos depois, no Brasil, a poeta Gilka Machado (1893–1980) enfrentou críticas semelhantes ao abordar o desejo feminino em sua obra. Chamada de "matrona imoral" após vencer um concurso literário na juventude (Machado, 2017, p. 14), Machado tornou-se pioneira ao tematizar o gozo feminino em versos ousados, como no poema *Volúpia* (1917). Apesar de seu reconhecimento tardio — como o Prêmio Machado de Assis, em 1979 —, sua obra permanece marginalizada nos cânones literários.

Este trabalho realiza uma leitura comparada entre *Volúpia*, de Gilka Machado, e *Arte de Amar*, de Ovídio, analisando como ambos abordam a volúpia feminina em contextos históricos distintos. Partindo de uma pesquisa qualitativa (Mesquita Neto, 2020), com base em teóricas como Carson (2023), Lerner (2019), e Cixous (2022), buscamos responder as seguintes questões: Quais convergências existem entre as obras de Ovídio e Machado na representação do prazer feminino? Qual o legado desses autores para a luta pelos direitos das mulheres?

A escrita de Ovídio e Machado revela-se um ato político: enquanto o romano subvertia a moralidade augustana, a brasileira desafiou o conservadorismo do início do século XX. Ambos, separados por dois milênios, compartilham a ousadia de tratar o

desejo feminino como legítimo — ainda que Ovídio o fizesse sob uma perspectiva masculina, e Machado, através da voz feminina.

Estudar essas obras não apenas ilumina as raízes históricas da repressão, mas também resgata estratégias de resistência. Se, para Ovídio, o prazer era um jogo de sedução, para Machado, tornou-se afirmação de autonomia. Suas trajetórias mostram que a literatura sempre foi um espaço de disputa — e que, para as mulheres, escrever sobre o próprio corpo ainda é um ato revolucionário.

1 Uma luta contra o apagamento dos corpos e desejos femininos

Ao examinarmos a Antiguidade Clássica, percebemos como a mulher era representada como uma figura perigosa e descontrolada. Na Grécia Antiga, a teoria dos humores (Carson, 2023) classificava as mulheres como seres "molhados" — tanto fisiológica quanto psicologicamente — em oposição à "secura" masculina, associada à racionalidade. Essa visão reforçava a ideia de que as mulheres eram intrinsecamente instáveis, sem limites naturais, necessitando, portanto, do controle masculino. O mito do útero errante, que circulava na medicina hipocrática, ilustra bem esse temor: acreditava-se que o útero vagava pelo corpo feminino, causando doenças e desequilíbrios. Filósofos como Aristóteles corroboravam essa visão, defendendo que o casamento precoce (antes dos dezoito anos) era necessário para conter a suposta lascívia inerente ao feminino (Carson, 2023, p. 21).

Em Roma, a situação não era muito diferente, embora a expansão territorial tenha introduzido costumes menos rígidos em relação aos relacionamentos. A reforma moral de Augusto (27 a.C.–14 d.C.) surgiu como uma reação a essa liberalidade, buscando reinstaurar valores tradicionais. O poeta Ovídio (43 a.C.–17 d.C.), no entanto, opôs-se a essa agenda conservadora. Sua obra *Arte de Amar* (1 d.C.) não apenas ensinava estratégias de sedução, mas também defendia o direito das mulheres — inclusive as casadas — ao prazer sexual (Grimal, 1997). Essa postura subversiva custou-lhe o exílio, evidenciando como o Estado romano punia quem desafiava suas normas morais.

Portanto, embora Ovídio tenha dado voz a algumas mulheres em seus textos (como nas cartas de heroínas em *Heroides*), a maioria dos registros femininos da Antiguidade se perdeu. Como observa Perrot (2019, p. 17), a invisibilidade das mulheres era estrutural: "sua fala em público é indecente". A tradição judaico-cristã, exemplificada nas palavras do apóstolo Paulo, reforçava essa exclusão, associando a mulher ao pecado original e exigindo seu silêncio. Essa ausência de fontes diretas cria uma lacuna histórica, deixando-nos apenas com representações masculinas do feminino — muitas vezes distorcidas ou reduzidas a estereótipos.

Com o passar do tempo, a repressão ao corpo feminino intensificou-se entre os séculos XVII e XIX, período em que, segundo Foucault (2011), a sexualidade passou a ser rigidamente controlada para servir aos interesses do capitalismo. As mulheres, já vistas como tentadoras, tornaram-se bodes expiatórios para qualquer "desvio" masculino. A Igreja, aliada ao Estado, reforçava essa moralidade, vinculando a virtude feminina à produtividade dos maridos. Dessa forma, o prazer das mulheres foi não

apenas negado, mas criminalizado, como no caso da perseguição à masturbação feminina no século XIX.

No Brasil do século XIX, por sua vez, poetisas como Gilka Machado desafiaram essa ordem patriarcal. Para burlar a censura, utilizaram metáforas e jogos linguísticos, criando uma linguagem cifrada que falava de desejo sem provocar abertamente a moral vigente. Machado, em particular, destacou-se por sua ousadia: aos treze anos, venceu um concurso literário, mas foi chamada de "matrona imoral" por críticos. Seus livros, como *Mulher Nua* (1922) e *Meu Glorioso Pecado* (1928), celebravam a sensualidade feminina, rompendo com o ideal da mulher recatada.

Diante destes fatos, embora separados por dois milênios, Ovídio e Machado compartilham uma postura transgressora. Enquanto o romano defendia o prazer feminino sob uma perspectiva masculina, Machado falava em primeira pessoa, reivindicando autonomia sobre seu corpo. Em *Volúpia* (1917), ela evoca imagens como a "serpente" e o "subir e descer", que ecoam o erotismo ovidiano, mas com uma diferença crucial: o desejo é narrado pela mulher, não sobre ela. Essa comparação revela como a escrita feminina transformou-se em ferramenta de emancipação. Se Ovídio foi exilado por desafiar Augusto, Machado enfrentou o ostracismo por recusar o lugar de musa para se tornar autora. Sua poesia, assim como a de Safo¹ ou Hilda Hilst², inscreve o corpo feminino na história, recusando-se ao silêncio. Ademais, ainda hoje, a literatura erótica escrita por mulheres é marginalizada, enquanto a masculina é canonizada. Ovídio é estudado como clássico; Machado, como curiosidade histórica. Essa disparidade comprova que a luta pelo direito ao prazer — e à palavra — permanece urgente.

Assim, da Antiguidade ao modernismo, a representação do desejo feminino reflete disputas de poder. Ovídio abriu caminho, mas coube a autoras como Machado transformar a literatura em espaço de libertação. Suas obras nos lembram que, para as mulheres, escrever sobre o corpo é sempre um ato de resistência. Pois, apesar dos avanços sociais, a herança histórica de controle sobre o corpo feminino ainda se manifesta na literatura contemporânea. Autoras como Anaïs Nin³ e Hilda Hilst enfrentaram censura e marginalização por abordarem o erotismo feminino em suas obras. Essa resistência demonstra como o tabu em torno da sexualidade da mulher persiste, mesmo em sociedades supostamente liberais. A crítica literária frequentemente categoriza tais obras como "confessionais" ou "menores", perpetuando uma hierarquia de gênero no cânone literário.

Na Inglaterra vitoriana, por exemplo, poetisas como Christina Rossetti empregavam simbolismos religiosos para falar de desejo, enquanto no Brasil, Gilka Machado recorria a metáforas naturais - como a serpente em *Volúpia* - para codificar experiências corporais. Essa linguagem cifrada não era apenas um recurso estético, mas uma forma de sobrevivência literária, permitindo que as mulheres inscrevessem seus

¹ Poeta grega que viveu na ilha de Lesbos por volta do século VII a.C. Ela é considerada uma das primeiras poetisas da história.

² Poeta brasileira, nascida no ano de 1930, em São Paulo. Ela ficou bastante conhecida por sua linguagem poética e experimental que abordou entre outros temas a sexualidade feminina.

³ Poeta francesa, nascida em 1903, abordou em suas obras temas como a condição feminina, sexualidade e erotismo.

corpos no texto sem sofrer as consequências sociais da transgressão explícita. O estudo comparado dessas estratégias revela um paradoxo: quanto mais rígido o controle patriarcal sobre os corpos, mais sofisticadas tornaram-se as formas de representação do desejo feminino na literatura.

Estudos recentes em literatura comparada têm revelado conexões surpreendentes entre escritoras de diferentes períodos históricos. A análise de obras de Safo de Lesbos, Soror Juana Inés de la Cruz⁴, Gilka Machado e Conceição Evaristo⁵ mostra um *continuum* de resistência feminina através dos séculos. Essas autoras, embora separadas pelo tempo e espaço, compartilham estratégias literárias semelhantes para subverter as expectativas de gênero. Essa abordagem comparativa permite reconstruir uma tradição literária feminina que foi sistematicamente apagada.

A segunda onda do feminismo (décadas de 1960-70) trouxe uma reavaliação crítica de obras como as de Gilka Machado. Teóricas como Helene Cixous e Luce Irigaray (2017) desenvolveram diretrizes que valorizam a escrita do corpo feminino como ato político. Essa reavaliação permitiu resgatar autoras marginalizadas e questionar os critérios de valorização literária, tradicionalmente masculinos. No Brasil, essa revisão crítica coincidiu com a redescoberta de poetisas do século XIX e início do XX.

Atualmente, no entanto, mesmo com maior espaço na literatura contemporânea, as escritoras ainda enfrentam desafios específicos. A sexualidade feminina, quando representada por mulheres, frequentemente é classificada como "autobiográfica" ou "excessivamente íntima", enquanto versões masculinas do mesmo tema são consideradas "universais". Essa dupla padrão revela como os mecanismos de exclusão se adaptaram aos tempos atuais, tornando-se mais sutis, mas não menos eficazes. Plataformas digitais têm surgido como alternativa para contornar essas barreiras do mercado editorial tradicional.

A seguir iremos fazer uma análise comparativa entre o poema *Volúpia*, de Gilka Machado e fragmentos da obra *Arte de amar*, de Ovídio.

2 Volúpia feminina e transgressão

Na Antiguidade, como mencionado anteriormente, eram raros os homens que abordavam o universo feminino — seus corpos e desejos — sob uma perspectiva que valorizasse a subjetividade das mulheres. Uma exceção foi o poeta romano Ovídio, que, em obras como *A Arte de Amar* e *Amores*, desafiou a reforma moral do imperador Augusto ao discutir abertamente as dinâmicas do amor e do prazer. Ele não apenas descreveu as estratégias da sedução, mas também defendeu que as mulheres deveriam usufruir do ato sexual, insistindo em que o prazer feminino era parte essencial da relação. Essa postura, ainda que centrada em uma visão masculina, representou um

⁴ Poetisa mexicana do século XVII. Ela era uma freira que se destacou na luta pela igualdade de gênero e é considerada uma das primeiras figuras feministas da América Latina.

⁵ Poeta brasileira, nascida em 1946, em Belo Horizonte. Suas obras se caracterizam pela abordagem tanto à condição feminina, como à experiência afro-brasileira.

contraponto à moralidade repressiva de sua época como pode-se observar no trecho a seguir:

Odeio o coito quando não é mútua a desvairada entrega dos amantes
(eis por que encontro menos atrativos
no amor praticado com rapazes).
Abomino a mulher que se entregou
apenas porque tem que se entregar
e que nenhum prazer experimentando
frigidamente faz amor pensando
no novelo de lã.
Aborrece-me os frutos recolher
das volúpias que me oferecem por dever.
O dever não me agrada na mulher.
Quero ouvir as palavras que traduzem
a alegria que sente minha amante
quando me pede para ir mais devagar
e o ímpeto suster.
Quero ver a mulher de olhos rendidos,
a exausta mulher que desfalece
e que por muito tempo não consente
que lhe toquem o corpo dorido de prazer. (*Ars Am.*, II, 685-690)⁶

Através desses versos, presentes no segundo livro da obra *Arte de amar*, o qual ainda é direcionado para o público masculino, pois os dois primeiros livros são conselhos endereçados aos homens e o último às mulheres, percebemos que o poeta nos mostra que na relação sexual não há prazer melhor do que o mútuo.

Ovídio ainda critica que as mulheres tenham de fazer sexo como se fosse o dever delas, tal crítica atinge aos preceitos sociais da Roma Atiga, os quais faziam com que as mulheres se restringissem aos deveres domésticos e aos filhos. Ovídio deixa claro que para ele a mulher também tem o direito de pensar em sexo e ter prazer ao praticá-lo.

Mais a frente, no terceiro livro da obra, o poeta romano dispõe o seguinte conselho: A partir desta hora/ lembrai-vos da velhice que um dia há de chegar./ Da vida um só momento não deixeis de gozar./ Enquanto a primavera da vida vos ocorre/ diverti-vos, mulheres,/ porque os anos vos fogem como a água que corre (*Ars Am.*, III, 60)⁷. Com estes versos direcionados às mulheres, vemos que Ovídio as incentiva a viverem os prazeres da vida sem medo, pois os anos se passam e as oportunidades também.

⁶ Odi quae praebet quia sit praeberere necesse,
Siccaque de lana cogitat ipsa sua.
Quae datur officio non est mihi grata uoluptas;
Officium faciat nulla puella mibi.

Me uoces audire iuuat sua gaudia fassas,
Atque morer me, me sustineamque roget.

⁷ Sic nullum uobis tempus abibit iners
Dum licet, et uernos etiamnum editis annos,
Ludite; eunt anni more fluentis aquae.

Ovídio, como poucos poetas de sua época, vê as mulheres como algo além de objetos que foram feitos para servir aos homens. Ele enxerga nelas seres que também precisam viver além do ambiente doméstico. Sua obra é transgressora, pois ele, como um homem que veio de uma família de prestígio, conseguiu dar voz às mulheres e a visibilidade que a sociedade e a reforma moral não estava disposta a suportar.

Ainda no terceiro livro, Ovídio cita Safo, poeta grega que escrevia poesias amorosas: Li igualmente Safo (quem com ela a voluptuosidade cultivou?)⁸ (*Ars Am.*, III, 331). Com este verso, o autor deixa um convite para que as mulheres sejam voluptuosas, ou seja, cultivem seus prazeres. Há também um incentivo por parte do poeta, para que as mulheres escrevam, mesmo que sejam recados de amor para seus amantes: Escrevei, mulheres, em termos elegantes/ mas que sejam corrente⁹ (*Ars Am.*, III, 480).

Com isto, pode-se perceber que Ovídio, além de tocar em temáticas delicadas para a época na qual vivia, também incentiva as mulheres, pelo menos as que podiam ler por terem tido acesso a educação, a não se deixarem subjugar. O poeta deixa claro que as mulheres devem ler, escrever e viver a vida e seus prazeres.

Conforme Cixous (2022, p. 63):

Sobre a feminilidade as mulheres ainda têm quase tudo por escrever: sobre sua sexualidade, quer dizer, sobre sua infinita e móvel complexidade, sobre sua erotização, sobre as combustões fulgurantes vindas de tão ínfima-imensa região de seus corpos; não sobre o destino, mas sobre a aventura de tais pulsões, viagens, travessias, encaminhamentos, bruscos e lentos despertares, descoberta de uma zona há pouco tempo tímida, em breve emergente. O corpo da mulher, com suas mil e uma moradas de ardor, no momento em que ela o deixará - destruindo os jugos e as censuras - articular a profusão de significados que em todos os sentidos o percorre: é através de muito mais do que uma língua que ele fará ressoar a velha língua materna de uma fenda só.

Infelizmente, o convite à escrita, por parte do escritor romano aqui trabalhado, foi censurado pela sociedade patriarcal, pois, conforme a teoria de alguns estudiosos, o poeta foi punido com o exílio por escrever versos transgressores. Ademais, por muito tempo, as mulheres foram inibidas de escrever ou invisibilizadas quando escreviam sobre si e seus desejos. E, com base nisso, consiste o conselho dado por Cixous para que esta classe social não se intimide e fale sobre seu corpo, seus desejos, sobre si, pois a mordaça que as silenciou por muito tempo, graças à luta incessante do movimento feminista, vem se deteriorando.

No Brasil, Gilka Machado acaba seguindo os passos de Ovídio e ainda muito nova começa a escrever seus poemas sobre a sua perspectiva de mulher. Ela lança o livro *Estados D'Alma*, em 1917, com um poema intitulado *Volúpia* o qual expressa, de forma transgressora, como o desejo e o prazer podem atuar no corpo feminino:

⁸ Nota sit et Sappho (quid enim lasciuius illa?)

⁹ Scribite; sermonis publica forma placet.

Volúpia

Tenho-te, do meu sangue alongada nos veios,
à tua sensação me alheio a todo o ambiente;
os meus versos estão completamente cheios
do teu veneno forte, invencível e fluente.

Por te trazer em mim, adquiri-os, tomei-os,
o teu modo sutil, o teu gesto indolente.
Por te trazer em mim moldei-me aos teus coleios,
minha íntima, nervosa e rúbida serpente.

Teu veneno letal torna-me os olhos baços,
e a alma pura que trago e que te repudia,
inutilmente anseia esquivar-se aos teus laços.

Teu veneno letal torna-me o corpo langue,
numa circulação longa, lenta, macia,
a subir e a descer, no curso do meu sangue.

Como se observa, *Volúpia* é um soneto composto por catorze versos alexandrinos (doze sílabas métricas), distribuídos em quatro estrofes — duas quadras e duas tercetas. Essa estrutura formal revela a maestria técnica de Gilka Machado, cuja habilidade métrica e temática ousada conquistou a admiração de poetas renomados de sua época.

A palavra volúpia, que dá título ao poema, remete ao prazer sensorial, à lascívia ou à luxúria. O texto explora o conceito grego de *Eros*, materializado no desejo do eu lírico pelo amado e nas sensações que esse amor desperta. A obra destaca-se pela linguagem metafórica que, ao mesmo tempo que ameniza o impacto para leitores conservadores, revela — de forma subliminar — a intenção da autora: falar sobre o prazer feminino sem subterfúgios. Expressões como "subir e descer" (no verso final) e a imagem da serpente (símbolo fálico) aludem ao ato sexual, tema tabu no início do século XX, especialmente quando tratado por uma voz feminina.

O poema também evoca o gozo pós-coito e a fluidez associada ao corpo feminino — característica que a helenista Anne Carson (2023) descreve como "molhada, indomável" na cultura grega. Essa representação corrobora o caráter revolucionário da escrita de Gilka Machado, que ousou ocupar um espaço literário majoritariamente masculino para expressar, sem censura, o desejo e a autonomia da mulher. Como afirma Cixous (2022, p.41): "É preciso que a mulher se coloque no texto — como no mundo — por seu próprio movimento". A poesia de Gilka, portanto, é um ato político de resistência, reinscrevendo o corpo feminino na história e desafiando as estruturas patriarcais.

O silenciamento histórico das mulheres permitiu que homens controlassem suas narrativas, inclusive sobre prazer e sexualidade. Práticas como a infibulação ou a patologização da masturbação feminina exemplificam essa opressão, que visava anular a autonomia sobre seus corpos. Gilka Machado, ao romper com esses códigos, não

apenas afirma o prazer como direito, mas também inspira outras mulheres a se apropriarem de suas vozes.

Uma leitura comparada entre Gilka Machado e o poeta latino Ovídio — especialmente seus *Amores* e *A Arte de Amar* — revela paralelos surpreendentes. Ambos exploram o erotismo e desafiam as convenções de suas épocas: Ovídio foi exilado por criticar a moral romana, enquanto Machado enfrentou o conservadorismo brasileiro. A diferença é que o romano escreveu sob uma perspectiva masculina, enquanto a brasileira reinscreve o prazer a partir de uma experiência feminina.

A abordagem de Carvalhal (2006, p.81) sobre literatura comparada é pertinente aqui: "A investigação de um mesmo problema em diferentes contextos literários amplia os horizontes do conhecimento estético". Ao contrastar Ovídio e Machado, percebe-se que a repressão ao desejo feminino é uma constante histórica, mas também que a transgressão literária é uma ferramenta de emancipação.

Ademais, a representação do desejo feminino em ambos os textos também reflete as contradições do machismo. Em Ovídio, o prazer da mulher é incentivado, mas sempre em função da satisfação masculina — como os textos do autor passavam pelo crivo da reforma moral augustana, ele pode ter tomado esse posicionamento como forma de dissimular sua intencionalidade no texto. Já em *Volúpia*, Gilka Machado descreve o gozo feminino como uma experiência íntima e autônoma, simbolizada pela "serpente" que circula no sangue da voz lírica. Essa imagem, associada ao falo na tradição ocidental, é ressignificada por Machado como algo que pertence ao corpo feminino, não como um objeto de posse masculina. Tal fato ocorre, pois a escrita feminina tem o poder de reconfigurar simbologias patriarcais, e é exatamente isso que Machado faz ao apropriar-se de uma metáfora tradicionalmente masculina para falar de prazer feminino.

A questão do silenciamento é outro ponto crucial na comparação. Ovídio, mesmo exilado, teve sua obra preservada e copiada por séculos, enquanto muitas poetisas antigas, como Sulpícia e Safo, tiveram seus textos perdidos ou fragmentados. Gilka Machado, por sua vez, precisou utilizar metáforas e uma linguagem cifrada para burlar a censura de seu tempo, estratégia comum a muitas escritoras do século XIX e XX. A literatura comparada aqui serve não apenas para contrastar estilos, mas para mostrar como o machismo operou de formas diferentes — mas igualmente eficazes — para suprimir vozes femininas em distintas épocas. Enquanto Ovídio podia criticar abertamente a moralidade romana (ainda que com consequências), Machado e suas contemporâneas precisavam negociar com os códigos sociais para serem publicadas.

Outrossim, o legado desses autores na luta contra o machismo permanece atual. Ovídio, apesar de suas limitações, abriu caminho para discussões sobre prazer e autonomia feminina que ecoariam séculos depois. Gilka Machado, por outro lado, tornou-se parte de uma linhagem de escritoras que, de Safo a Conceição Evaristo, usaram a literatura como arma de resistência. A comparação entre eles revela que a batalha pelo direito das mulheres à palavra e ao prazer é longa e contínua. Escrever sobre o corpo feminino em sociedades patriarcais é, portanto, sempre um ato político — e é nesse sentido que tanto Ovídio quanto Machado, cada um a seu modo, contribuíram para desafiar as estruturas do machismo literário. A literatura comparada, portanto, não apenas aproxima tempos e espaços distantes, mas também nos permite mapear as

estratégias de opressão e resistência que moldaram (e ainda moldam) a representação do feminino na cultura ocidental.

Assim, a literatura comparada não apenas ilumina as raízes antigas da opressão, mas também destaca a resiliência das vozes femininas. Textos como os de Machado e Ovídio mostram que a escrita sobre o corpo é sempre um ato de poder. No caso das mulheres, cada verso é um manifesto.

Considerações finais

Ao longo da nossa pesquisa, vimos que a poesia, além de registrar histórias e narrativas mitológicas, também foi utilizada para dar conselhos amorosos e expressar opiniões e desejos. Um estilo de escrita que surgiu como forma de se narrar acontecimentos de forma mais eficaz, pois muitas pessoas na Antiguidade não tinham acesso à educação, acabou servindo, em alguns momentos, como um ato político contra injustiças sociais.

É nesse cenário de transgressão que vemos a escrita de Ovídio e Gilka Machado, um vivendo na Roma Antiga e a outra no Brasil do século XX. Dois poetas que enfrentaram o julgamento social para poder defender o lugar da mulher na sociedade, bem como questionar valores impostos por um sistema patriarcal que só beneficiava uma parcela da população, a masculina.

No entanto, enquanto Ovídio, na obra *Arte de Amar*, constrói seu discurso sobre o prazer feminino a partir de uma perspectiva didática, Gilka Machado, em *Volúpia*, opera uma revolução linguística ao fazer da experiência erótica uma vivência subjetiva e introspectiva. O poeta romano, mesmo ao defender o prazer mútuo, mantém-se preso a uma estrutura de dominação, onde a mulher é ainda objeto do desejo masculino, ainda que deva ser prazerosamente conquistada. Sua linguagem é por vezes descritiva, quase técnica, como se o corpo feminino fosse um território a ser mapeado e explorado, mas, como dito anteriormente, isso pode ter ocorrido tanto pela adequação, pelo menos superficialmente, às regras augustanas e ao sistema patriarcal, ou ainda a uma espécie de ironia que permeia todo o texto de Ovídio e que se vale do pensamento crítico de seus leitores para questionar a reforma moral empreendida na sua época.

Machado, por sua vez, inverte completamente essa lógica: seu poema é uma experiência sensorial em primeira pessoa, onde o erotismo não é descrito, mas vivido através de metáforas orgânicas ("veneno fluente", "sangue") que sugerem uma fusão entre corpo e linguagem. Essa diferença fundamental revela como o gênero do autor determina a própria estrutura do texto erótico - onde Ovídio observa e instrui, Machado sente e transmuta.

Os dois escritores, entretanto, ousaram falar que a mulher era mais que um objeto doméstico a serviço dos homens, eles defenderam a autonomia da mulher sobre seu corpo, seus prazeres e voz. Foram pessoas que sofreram com o escárnio social, Ovídio sendo destituído do convívio com familiares e amigos ao ser exilado para Tomos e Gilka Machado sendo ignorada muitas vezes pelo meio literário.

A contribuição de ambos autores, no entanto, ultrapassou o tempo e faz-nos refletir sobre as mudanças que o mundo atual nos oferece quanto aos direitos das mulheres. Podemos ver que, apesar de muitas conquistas, os direitos da classe feminina

ainda são questionados em tempos de crise. E o quanto é importante que as mulheres lutem principalmente por meio da escrita, pois ela é uma arma de longo alcance.

Ademais, a importância desses autores transcende seu valor literário - suas obras representam marcos na longa jornada de libertação feminina. Ovídio, ao questionar a moral augustana, e Machado, ao desafiar o conservadorismo brasileiro do início do século XX, mostraram que a escrita pode ser um ato político de subversão. Seus textos nos lembram que a luta pelo direito ao prazer e à expressão sexual plena permanece atual, especialmente em um mundo onde discursos pseudocientíficos e religiosos continuam a tentar controlar os corpos femininos. Como demonstra esta pesquisa, estudar essas obras não apenas ilumina as raízes históricas da repressão, mas também oferece ferramentas para compreender e combater as formas contemporâneas de opressão. O legado de Ovídio e Machado reside precisamente em sua capacidade de transformar a literatura em espaço de resistência - prova de que, para as mulheres, escrever sobre o próprio corpo continua sendo, hoje como ontem, um ato profundamente revolucionário.

Ambos escritores relegam-nos, por fim, o desejo que as gerações futuras nunca esqueçam em relação às lutas que eles tomaram pra si e da qual colhemos os frutos até hoje. A leitura comparada dos textos, do poeta romano e da poeta brasileira, nos faz desenvolver um olhar crítico do mundo e nos impulsiona para a batalha contra a objetificação dos corpos das mulheres pelo sistema patriarcal e pelo capitalismo. Impulsionar a propagação de novos discursos a favor das mulheres e seus direitos é um dos maiores legados que esses autores puderam deixar.

Referências

CARSON, Anne. **Sobre aquilo em que mais penso**. Tradução de Sofia Nestrovski e Danilo Hora. São Paulo: Editora 34, 2023.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. São Paulo: Ática, 2006.

CIXOUS, Hélène. **O riso da Medusa**. Tradução de Natália Guerellus e Raíssa França Bastos. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

DA CRUZ VILELA, J.; MEDEIROS DA SILVA, M. **Laura Santos e Gilka Machado: poesia e volúpia**. Revista LiteralMENTE, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 83–103, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rl/article/view/61329>. Acesso em: 20 jul. 2024.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: A vontade de saber**. Tradução de Rio de Janeiro/ São Paulo, Paz e Terra, 2011.

GRIMAL, Pierre. **O amor em Roma**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

IRIGARAY, Luce. **Este sexo que não é só um sexo: sexualidade e status social da mulher**. São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2017.

KNIBIEHLER, Yvonne. **História da virgindade**. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2016.

MACHADO, Gilka. **Poesia Completa**. São Paulo: V. de Moura Mendonça – Livros, 2017.

MESQUITA NETO, J. R. **Elaboração de projeto**. Editora IFPB: João Pessoa, 2020.

OVÍDIO. **Amores & Arte de amar**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

OVÍDIO. **Arte de amar**. São Paulo: Ars Poetica, 1997.

STRÖMQUIST, Liv. **A origem do mundo**: uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado. Tradução de Kristin Lie Garrubo. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2018.

VEGNA, Walter. **Heroides** – A concepção do amor em Roma através da obra de Ovídio. Rio de Janeiro: Edições Granet Lawer, 1975.